

DESIGN DE PRODUTOS E O ARTESANATO

DESIGN DE PRODUCTOS Y ARTESANÍA

Susana Riegel¹
Dinora Tereza Zuchetti²

RESUMO

O presente artigo descreve a inserção de acadêmicos da Universidade Feevale em atividades de extensão, através da Incubadora de Economia Solidária da Feevale/PRONINC. A Incubadora, formada por professores e alunos de diversos cursos da Instituição, apoia, entre outros empreendimentos, a Associação dos Artesãos da Vila Operária, da cidade de Campo Bom, onde a atividade de Design de Produto tem centralidade. O texto, de forma geral, descreve a experiência dessa inserção acadêmica e reflete, com o apoio de estudiosos da área, as aproximações entre Design e Artesanato.

Palavras-Chave: Incubação. Artesanato. Design.

RESUMEN

En este artículo se describe la inserción de académicos de la Universidad Feevale en actividades de extensión, a través de la Incubadora de Economía Solidária perteniente a Feevale/PRONINC. La Incubadora, formada por profesores y estudiantes de varios cursos de la institución apoya, entre muchos emprendimientos, la asociación de los artesanos de la Villa Operária, de la ciudad de Campo Bom, desde donde la actividad de Design de Producto tiene centralidad. El texto, en general, describe la experiencia de esta inserción académica y refleja, con el apoyo de estudiantes de de la área, las aproximaciones entre Design y artesanía.

Palabras clave: Incubación. Artesanía. Design.

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Em julho de 2009, a Associação dos Artesãos da Vila Operária de Campo Bom procurou a Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale com o intuito de buscar assessoria capaz de promover melhorias nos resultados e na qualificação dos seus produtos. No ano de 2010, a Associação passou de grupo assessorado para um dos quatro empreendimentos a serem apoiados pela Incubadora, através do projeto financiado com

¹ Acadêmica do Curso de Design de Produto da Universidade Feevale. Bolsista da Incubadora de Economia Solidária PRONINC. E-mail: susanariegel@bol.com.br.

² Doutora em Educação. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Feevale. Orientadora da Incubadora de Economia Solidária PRONINC. E-mail: dinora@feevale.br.

recursos do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC). Em atividades de grupo, realizadas por professores e bolsistas junto aos associados, verificaram-se as dificuldades enfrentadas pelos artesãos na busca por soluções práticas e inteligentes, a fim de melhorar a qualidade de seus trabalhos.

Esse acompanhamento acontece com periodicidade quinzenal (houve tempo em que os encontros eram semanais), quando são analisadas as expectativas e os resultados obtidos através da intervenção dos profissionais da Incubadora, entre eles, a acadêmica de Design de Produto.

A metodologia de incubação busca valorizar o conhecimento de cada integrante, a fim de que se tornem autônomos, no médio prazo, em relação à Incubação e a sua equipe.

1 UM POUCO DE HISTÓRIA

A Associação dos Artesãos da Vila Operária de Campo Bom iniciou suas atividades no ano de 2000. Na época, era formada por quatro (4) artesãos, que se reuniam nos fundos da Igreja Católica da Vila Operária, daí a origem do seu nome. Entre os seus objetivos, vale destacar: a recuperação da autoestima, a necessidade de geração de renda, a criação de novos produtos, a qualidade de vida dos membros do grupo e a autonomia da Associação.

Atualmente, são vinte e seis (26) artesãos, que produzem tapetes, bolsas, acessórios em tricô e crochê, entre outros. Alguns produzem em suas casas, individualmente, e comercializam coletivamente nas feiras e nos eventos que acontecem em Campo Bom, ou mesmo na Região do Vale do Sinos. Diariamente expõem seus produtos na Praça Irmãos Wetter e possuem uma pequena loja, ambas no centro da cidade.

O terreno onde está localizada a Associação, as máquinas, os equipamentos, os móveis, os espaços de comercialização, a divulgação para a inserção da Associação na sociedade, a obtenção de parcerias com empresas privadas, o patrocínio de cursos e participações em eventos dos trabalhadores são algumas das atividades que a Prefeitura Municipal apoia. Conta também com a parceria e o patrocínio do Banco do Brasil e recebe apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e de Cáritas Diocesana. A matéria-prima, em grande quantidade, é recebida em forma de doação de empresas calçadistas dos municípios de Campo

Bom e Novo Hamburgo. Dentre os materiais recebidos, estão: couro, sintéticos, forros, tecidos, cadarços e outros aparatos.

Ao longo destes dez (10) anos, desde a sua fundação, os participantes perceberam que poderiam contribuir e fomentar a geração de renda e emprego a um número maior de famílias em situação de precariedade socioeconômica, juntando as habilidades das pessoas e melhorando a sustentabilidade do planeta, visto que toda a matéria-prima de que dispõem é passível de reciclagem. Hoje, são em torno de 45 participantes.

Dentre as principais facilidades do grupo, destacamos:

- as doações recebidas como matéria-prima, por parte de diversas empresas, somam algumas toneladas e estão estocadas na sede da Associação e num segundo depósito, situado no mesmo bairro. Isso possibilita que doem material para outros grupos de geração de trabalho e renda, numa atitude solidária em relação a outros empreendimentos;

- há material suficiente para que os artesãos possam produzir em suas casas, economizando tempo e eventuais despesas com transporte de ida e volta ao empreendimento, o que facilita e promove maior comodidade e organização de suas rotinas diárias. Isso também permite a inserção de pessoas com deficiências físicas no grupo;

- cada artesão produz artigos variados, de acordo com suas habilidades e seus conhecimentos;

- existe uma grande preocupação dos associados com a preservação do meio ambiente e com o desenvolvimento social dos integrantes do grupo;

- o pensamento de que existe lugar para todos na Associação e de que basta disposição para o trabalho coletivo melhora a autoestima e estimula a busca pelo saber.

Quanto às principais dificuldades enfrentadas pelo grupo, destacamos:

- poucos artesãos dispõem de maior tempo para comercializar os produtos em feiras e eventos, porque em geral estão trabalhando na sua produção;

- quando realizam algum curso fora da sede, têm a dificuldade de transmitir as técnicas aprendidas no curso aos colegas devido à baixa escolaridade e à rotatividade de alguns membros. Muitos deixam a Associação quando conseguem emprego;

- apresentam dificuldades em estabelecer e cumprir metas de produção garantindo a qualidade dos produtos;

- muitos trabalhadores da Associação vêm de famílias carentes e fragilizadas por motivos diversos: são ou possuem familiar com alguma doença, motivo pelo qual se afastam do mercado de trabalho.

2 O ARTESANATO NO BRASIL E A INTERVENÇÃO DO DESIGN DE PRODUTO

Segundo fontes da Associação Brasileira de Artesanato e do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, são 8,5 milhões de artesãos que geram, conjuntamente, uma renda anual de US\$ 30 bilhões, sendo que mais de 80% da produção está nas mãos das mulheres (SILVA et al., 2000).

Por sua vez, de acordo com a Revista Veja, edição Nº 1.787, de 2003, 53% dos postos de trabalho, no Brasil, estão concentrados na economia informal. Essa informação mostra o crescimento e a conseqüente necessidade de se trabalhar com esses segmentos de forma a possibilitar a inserção desses profissionais e seus produtos no mercado consumidor.

Nesse sentido, enquanto as novas tecnologias eliminam milhares e milhares de postos de trabalho no mundo, o artesanato passa a ser uma profissão valorizada e, por conseqüência, os artesãos passam a ter um lugar destacado. Do setor informal, espera-se espírito de luta e criatividade para produzir os conhecimentos e as experiências necessárias à dinamização do investimento social.

Da intervenção propriamente dita do Design de Produto, ao ingressar no empreendimento, priorizamos a qualificação dos artigos produzidos até então, analisando cada etapa desde a escolha do material, o modelo, o desenho, molde, a forma de confeccioná-lo, as técnicas utilizadas, até o acabamento final. Nesse caso, referimo-nos, principalmente, à confecção de bolsas e assessorios, incluindo o tear de cadarços na confecção de *nécessaires*, porta-cuia e térmica, entre outros. Também revisamos a utilização de tiras de couro ou cadarço para produzirem bolsas em tricô, crochê, macramê, tricô com tiras de algodão cortado em rolos, coletes, almofadas etc.

O Design de Produto, nesse sentido, tem o papel fundamental de buscar alternativas, de forma a agregar valor ao produto e sanar as expectativas em relação ao consumidor. Cabe também ao Designer estudar e pesquisar os materiais, as matérias-primas, as técnicas e os processos de fabricação que são os mais viáveis ecológica e financeiramente, levando-se em conta sua funcionalidade, a estética, o conforto e a sustentabilidade. Isso tornará o produto final capaz de atrair e satisfazer o desejo e a necessidade do cliente/consumidor.

Assim sendo, uma das várias contribuições da acadêmica de Design de Produto, no empreendimento, tem sido a de atuar como facilitadora do conhecimento, podendo aprimorar e inovar de forma sustentável, melhorando a qualidade de vida da sociedade. Também se

optou por valorizar a identidade cultural de uma região, através do incentivo às diversas maneiras de fazer, incluindo a da cultura tradicional.

2.1 O PAPEL DO DESIGN DE PRODUTO

Essa profissão pode contribuir de forma bastante significativa quando se trata de responsabilidade social, considerando-se as questões sociais, ambientais e sustentáveis. Atualmente muitas empresas buscam ações de caráter público e social, permitindo o apoio à cultura, à educação e ao desenvolvimento humano.

Para Mestriner (2000), o Design surge com o intuito de suprir as necessidades do homem e encontrar a maneira mais adequada, sustentável, a fim de solucionar um problema e promover o meio em que se vive. É também uma atividade multidisciplinar que atua como intérprete das importâncias de cada área, gerando metodologias, conceitos e ferramentas capazes de sintetizar, direcionar e modificar seu entorno, influenciando diretamente na produção cultural e social de um povo. Devido a essas multiplicidades de ações que envolvem a aplicação do Design, cada vez mais surgem estudos da relevância da sua atuação, não só como um meio de desenvolvimento de produtos industriais, mas, sim, como uma ferramenta de gestão e de estímulo da criatividade e da inovação. Esse fato faz com que o Design deixe de ser conhecido somente como Design Industrial e ramifique-se para outras vertentes, como Design Ambiental ou Ecodesign, Design Social ou Solidário e ainda como Design Sustentável, que engloba fins sociais, ambientais e econômicos.

De acordo com Ullmann (2005), o Design, alinhado com os conceitos sustentáveis, tem um importante papel no planejamento de um futuro responsável e comprometido com o meio ambiente e com a sociedade. O Design atua através da inovação, revitaliza e fortalece a identidade cultural de uma região, valorizando suas habilidades e características ambientais, educacionais, culturais e socioeconômicas, resultando ao artesão uma fonte ou incremento de renda, de produtividade, de novas tecnologias e de valorização do ser humano como cidadão na sociedade. Permite a valorização do cidadão na sociedade, abrindo novas alternativas de inserção no mercado de trabalho, fortalecendo o setor econômico, cultural e educacional.

Outras vertentes do Design

Design Ambiental

Segundo Van Der Ryn e Cowan (apud BARBOSA, 2002), o Design Ecológico é mais amplo, definido como qualquer forma de design que minimize os impactos ambientais através de sua integração com os processos vivos. Barbosa (op. Cit.), embora concorde com a visão de Van Der Ryn e Cowan (1996), afirma que o Design Ecológico é simultaneamente uma ferramenta pragmática e tem uma visão profunda e esperançosa ao colocar a ecologia à frente do Design. Assim, provê maneiras específicas de minimizar o uso de matérias-primas, reduzir a poluição, preservar os habitat, apoiar as comunidades e promover a saúde e a beleza.

Design Social

O *site* Comunicarte (2005) refere que o Design Social é a materialização de uma ideia que propõe um processo de modificação na sociedade. Como princípio filosófico, procura desenvolver estratégias que permitam compactar um conceito e difundir o conhecimento, visando sempre a uma transformação social. O Design voltado à sociedade pode atuar de diversas formas, como no desenvolvimento da programação visual de uma campanha social, na elaboração de produtos com custos mais acessíveis e/ou no repasse do conhecimento para a formação, capacitação e inserção de cidadãos no mercado de trabalho. Para os designers, os conceitos, os métodos e as ferramentas ensinados na vida acadêmica são objetos de qualificação social positiva diante das atividades de geração de bens coletivos. Isso é um envolvimento que remete ao Design Social, no entanto, todas essas ações possuem a mesma finalidade: a de contribuir para o bem-estar, a qualidade de vida e a sustentabilidade da sociedade.

2.2 ARTESÃOS E DESIGNERS

De acordo com Crocco (2002), artesãos e Designers podem ser assim definidos: os primeiros possuem habilidades manuais e tradicionais e suas características são: informalidade e caráter empírico. Os Designers, por sua vez, são profissionais formados dentro de uma sistemática de conhecimentos que direcionam a projeção de um produto para uma necessidade específica do mercado, ou de um cliente.

Conforme Freitas e França (2002), o Designer atua também como gestor operacional e seu trabalho se concentra intimamente relacionado com a concepção do projeto. As atividades se realizam durante o processo de transformação de uma ideia num produto físico, isso inclui desde a sua criação, o lançamento e a distribuição no mercado, podendo determinar a escolha de materiais e modos de produção. Dessa forma, contribui para a redução de custos e maior adequação às exigências ambientais.

Segundo Branchini (2002), mesmo sendo uma produção artesanal, essa pode se amparar nas abordagens metodológicas dos processos de projeto de produto, utilizando as ferramentas da gestão do Design na geração de soluções criativas e funcionais para os produtos desenvolvidos. Além de uma consciência crítica de planejamento, organização e controle de projeto, antecipando-se às necessidades do cliente, garantem a sua fidelização, sem deixar de valorizar os conhecimentos do tradicional e da cultura regional.

Conforme o SEBRAE (2005), o Design não só associa produtos e serviços com a qualidade, mas representa, em si, a própria qualidade, aspecto fundamental na conquista da preferência do consumidor ou cliente e na disputa de um espaço em um mercado cada vez mais exigente e globalizado.

Assim, é necessário que o artesão tenha acesso a ferramentas para que seu produto possa ser enaltecido no mercado como um produto bem projetado e acabado, possuindo excelência resultante de pesquisas que visem, ao mesmo tempo, à inovação e estética, bem como à cultura que une o moderno ao tradicional. Ainda, se possível, usa-se a defesa do meio ambiente como um apelo adicional, sugere Almeida (1999).

Para profissionais da área, os grupos de artesãos, a exemplo da Associação da Vila Operária, são uma fonte expressiva de pesquisa, conhecimento e interação social.

Segundo Estrada (2003), o novo artesão é aquele que recebe dos Designers as informações e as orientações necessárias para agregarem um novo valor ao trabalho tradicional. Esse valor consiste, algumas vezes, na melhoria da qualidade física, outras, em pequenas modificações formais, ou mesmo na sugestão de um novo produto que se envolverá numa parceria artesão e Designers.

3 ALGUMAS IMAGENS



Curso de Corte e Costura ocorrido em abril e maio de 2010 – ministrado pelo SENAC





Amostras de produtos confeccionadas pelos associados

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O investimento na qualidade dos produtos produzidos pelos artesãos da Associação foi focado em problemas identificados no dia a dia, possibilitando melhorias no acabamento e uso diferenciado de materiais. Essa intervenção se deu através do apoio de professores, técnicos e, principalmente, pela acadêmica de Design da Universidade Feevale, sendo que houve transferência de tecnologia e troca de saberes. Isso resultou em aperfeiçoamento, agregando valor ao produto. A reciclagem da matéria-prima, as técnicas artesanais utilizadas, os recursos ambientais, a infraestrutura disponível e a forma de organização do empreendimento foram as principais determinantes para a realização dessa intervenção.

Devido à imensa oferta de produtos no artesanato, a excelência do produto passa a ser de suma relevância, sendo que esse merece extrema atenção no momento de sua concepção. Assim, a qualidade, a consolidação de parcerias e o desenvolvimento da comunidade perpassam todas as áreas de atuação do projeto e apoiam a sustentabilidade das ações.

Devido à competitividade do mercado de trabalho e à grande oferta de produtos, as empresas e/ ou empreendimentos de economia solidária necessitam apresentar um diferencial capaz de conquistar o público. Isso se dá promovendo o bem-estar social e econômico no meio em que vivem os trabalhadores, gerando novos nichos de trabalho, abrindo um amplo leque de alternativas, recolocando pessoas e trabalhando com o tema da sustentabilidade. Para isso, a associação/integração do Design à proposta da Economia Solidária tem se apresentado

como uma nova aposta de intervenção para um profissional que tem no mercado capitalista, nas demandas que parte de empresas privadas, sua principal área de atuação. Abre-se, assim, um novo campo de atuação e intervenção, qual seja, o da economia social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; BORGES, B. Espaço aberto para o artesanato. **Revista Exportar e Gerência**, n. 8, p. 18-24, maio 1999.

BARBOSA, J. C. L. **Eco-Design. In Anais do P&D 2002**. 1º Congresso Internacional de Pesquisa em Design e o 5º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Brasília, 2002. Disponível em CDROM.

BRANCHINI, O. Princípios da Gestão da Qualidade. **Revista Banas Qualidade**, São Paulo, EPSE, v. 12, n. 127, p. 22-28, dez. 2002.

CATHO ONLINE. **A arte e o talento empresarial de Fábio Mestriner**. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=6556>. Acesso em: 01 mai. 2005.

CROCCO, H. Artesanato e Design: História de uma convergência. **Revista Arc Design**, n. 13, p. 26-29, fev 2000.

DESIGN BRASIL. **Home**. Disponível em: <<http://designbrasil.org.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2005.

ESTRADA, M. H. O Design faz a diferença. **Revista Arc Design**, n. 30, p. 54-56, junho 2003.

FREITAS, S. G.; FRANÇA, F. **Manual da qualidade em comunicação**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

REVISTA VEJA. Edição 1787, ano 36, n. 4, 29 de janeiro 2003.

SEBRAE. **Projetos**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/br/programasprojetos>>. Acesso em: 20 out. 2005.

SILVA, A. M. L.; GRACIANO, S.; OLIVERIA, W. D. Lucros Feitos à mão. **Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios**, n. 134, p. 24-31, mar. 2000.

ULLMANN, C. Para um design solidário e sustentável. In: **Comércio Ético e Solidário no Brasil**: França, Cássio Luiz de São Paulo, Fundação Friedrich Ebert – ILDES, Dez/2003.